



# MULHER MOÇAMBICANA

Boletim da O.M.M.

Maputo, Junho de 1986 • N.º 2 • 15,00 MT



**15.º ANIVERSÁRIO  
DA MORTE DE ROSINA MACIEL**



# MULHER MOÇAMBICANA

## Boletim da O. M. M.

●  
TRIMESTRAL

●  
Directora  
SABINA SANTOS

●  
Coordenadora  
CECILIA VILANCULOS

●  
COLABORARAM NESTE NÚMERO:

ALEXANDRE ZANDAMELA  
ANGELA MELO  
DELFINA MUGABE  
ISMÊNIA SACRAMENTO  
MARIA NATÁLIA FOLGADO

●  
Fotografia:  
CECILIA VILANCULOS,  
ARQUIVO DO PARTIDO FRELIMO  
E JORNAL «NOTÍCIAS»

●  
COMPOSTO E IMPRESSO  
NA TIPOGRAFIA «NOTÍCIAS»  
TIRAGEM: 10 000 EXEMPLARES

●  
SECRETARIADO NACIONAL DA OMM  
RUA PEREIRA DE LAGO N.º 147-2.º A  
C. P. 4015 — TELEF. 741600/741760  
MAPUTO



Edição N.º 2 — Junho de 1986

Na Capa: Foto de Arquivo do Partido Frelimo

## SUMÁRIO

Págs.	
3	Em Memória
4	A Heroína não tem sepultura
5	Dois Poemas
6 e 7	Emancipação da Mulher é uma condição
8 e 9	Imagens
10 e 11	Em Seminário
12	Um Exemplo na Produção Agrícola
13	Opinião
14	Correio Jurídico
15	Conversa Amiga
16 e 17	Sahara
18	A Saúde Materno - Infantil
19	Desporto
20	Maria Chipande



# em memória

---

**Em nós**

**a força da tua juventude  
e a coragem de ser.**

.....

**E hoje também**

**continuar a luta  
é continuar a vida,  
é viver o teu exemplo.**

Sérgio Vieira

---

Quinze anos são passados sobre aquela madrugada de luto e dor em que mergulhaste o coração dos teus companheiros, das tuas crianças, aqueles seres doces e frágeis que tu tanto amaste, por quem tanto sofreste e consentiste sacrifícios sem par.

Tu foste a Mãe, a Esposa, foste a Camarada, tu foste a Jovem que, rompendo peias de toda a espécie, quebrando grilhetas e cadeias seculares, ficaste para todo o sempre como o símbolo da mulher que lutou por ser ela própria.

E tu foste-o verdadeiramente! Por isso, tu és a imagem da Paz, do Amor, da Liberdade, mas também o símbolo da coragem e da intrepidez.

Foste aquela que, nos momen-

tos mais difíceis da vida e da luta, nunca vacilou, olhos postos naquela outra mãe por quem tantos, tal como tu, lutam, sofrem e morrem: a Pátria Moçambicana.

A semente que então lançaste, germina hoje, já, por toda a parte. Assim, vemos a nossa mulher desempenhando um papel relevante e extraordinário na sociedade que estamos a construir: em casa, a escola materna, ela é a mãe, a primeira educadora; no hospital, ela é a enfermeira, a médica que, com tanta abnegação e carinho, cuida e trata os seus doentes; na machamba, na cooperativa, ela é a camponesa que, empunhando a enxada ou manobrando o tractor, rasga a

terra, semeia, produz; na fábrica ela é a operária que ombreia com o homem no manejo e manutenção das máquinas; na escola, ela é a professora que forma e educa as novas gerações; onde quer que o inimigo se esconda, ela é a milícia que, de arma em punho, defende da sanha assassina, a sua aldeia, as suas crianças, mulheres e velhos.

Foi este, Camarada, o legado que nos deixaste!

Saibamos nós também, sempre e em qualquer momento, seguir o teu exemplo que, tal como farol luminoso em mar encarpelado, guia e conduz as gerações presentes e vindouras.

Para Ti, Josina, neste dia, uma flor.

da

Ruffe Macauec



# A heroína não tem sepultura

*«As flores que caem da árvore vêm preparar a terra para que novas e mais belas flores cresçam na estação seguinte, a tua vida continua nos continuadores da revolução».*

7 de Abril de 1986, 15.º Aniversário da morte da Camarada Josina Machel, símbolo da Mulher Moçambicana Combatente. Josina Machel nasceu a 10 de Agosto de 1945, em Inhambane. Membro da Família Abiatar Muthemba, Josina foi educada num espírito patriótico e de profundo ódio ao colonialismo e à humilhação.

Josina Machel começou o ensino primário na Província de Cabo Delgado e, mais tarde, em Manica e Sofala. Em 1956, Josina matricula-se na Escola Secundária, que frequenta até ao 4.º ano. Em 1964, Josina sai clandestinamente de Moçambique, rumo à República Unida da Tanzânia. Josina é presa pela polícia política portuguesa, mas tenta, com êxito, nova fuga, um ano depois.

Integrada na Frente de Libertação de Moçambique, Josina é um exemplo pelo seu espírito de sacrifício, pela sua elevada consciência política e pela sua dedicação à Luta de Libertação Nacional. É assim que, no ano de 1968, é Delegada ao Segundo Congresso da FRELIMO, realizado em Matchedje, zona libertada de Niassa. Assim, sucessivamente, Josina é nomeada para vários cargos de Direcção: em 1969, dirige a Secção de Assuntos Sociais, e a Secção da Mulher, no Departamento de Relações Exteriores. É ainda nesse ano que Josina se une, pelo casamento, ao Camarada Samora Machel, Secretário do Departamento de Defesa da FRELIMO, nessa altura da Luta Armada de Libertação Nacional.

Josina Machel era uma pessoa humilde, bem disposta, camarada e, sobretudo, carinhosa para com as crianças. É Josina que sugere a criação do primeiro infantário para os filhos dos combatentes mortos pela Libertação de Moçambique. Para além disso, Josina viveu a dureza da guerra que só a morte física, aos 25 anos de idade, poria termo...

Josina escreve, em 1970, na

«Voz da Revolução», referindo-se ao importante papel que a Mulher tinha na Revolução Nacional:

«... A nossa experiência provou que nós, Mulheres, podemos realizar o trabalho de mobilização e educação muito melhor do que os homens, por duas razões: primeiro, é muito mais fácil para nós aproximarmo-nos das outras

sentimento dominante da sua vida de combatente.

Recordar Josina Machel é, sobretudo, prestar homenagem a todas as mulheres que se sacrificam pela defesa da Independência Nacional, pela causa da libertação dos povos ainda colonizados, ainda sujeitos à exploração e humilhação, e, ainda, das Mulheres Moçambicanas que, ho-



mulheres, e, segundo, os homens convencem-se muito mais facilmente do papel importante da Mulher, quando têm em frente mulheres militantes e capazes, que são o exemplo vivo daquilo que elas apregoam. Além disso, a nossa actividade dirige-se também aos homens e a presença das mulheres com armas, é um elemento muito importante para a mobilização dos homens. Eles ficam envergonhados e não se atrevem a recusar aquilo que as próprias mulheres estão a fazer».

Josina Machel é o exemplo da jovem mulher lúcida, comprometida com os grandes ideais patrióticos, que fez da coragem o

je, nos seus locais de trabalho ou de residência, enfrentam todos os sacrifícios, mesmo a sua vida, pela defesa intransigente da nossa Pátria agredida pelo Imperialismo Internacional.

Como Josina Machel, nós ceramos os punhos e trabalhamos. Vencendo a Batalha da Produção, alimentando os Combatentes das Valorosas Forças Armadas de Moçambique, e triturando com a nossa coragem e enérgica valentia, as acções do inimigo, seja ele moçambicano ou estrangeiro. Temos a certeza: venceremos toda e qualquer agressão imperialista!

I. S.



# Josina Machel, cidadã do mundo

*Josina Machel, cidadã do mundo,  
teu coração entendia todas as palavras  
todos os idiomas e dialectos,  
nele cabia toda a Humanidade.*

*Teu coração de música e aço  
tão só batia  
ao compasso da liberdade  
e ao ritmo milagroso do amor.*

*Tu trazias a força da verdade  
e a sua luz acendia como um sol.  
Tu nos ensinaste a ver o mundo  
dum modo limpo e verdadeiro.*

*Teu exemplo nos mostrou  
que há homens e não raças  
que em todas as veias do mundo  
corre o mesmo sangue vermelho.*

*Por ti Josina, sabemos  
que entregar-se é salvar-se.  
Que a entrega generosa aos semelhantes  
é algo formoso, inludível,  
necessário como o pão que comemos  
e o ar que respiramos.*

*Josina Machel, irmã e mestra,  
exemplo, semente e companheira,  
tu não morreste, nunca morrerás:  
o Amor e a Liberdade  
não se podem matar.*

Rosária Tembe (1972)

## Mulher Moçambicana

*Se tu nunca te sentiste magoada na tua vida  
Deves-te sentir neste momento  
Deves-te sentir neste momento  
Em que tu te sentes triste.*

*Neste momento em que tu sentes o vazio  
Da perca da tua dirigente  
Da perca da tua dirigente  
Josina Machel.*

*O vazio custa ser preenchido  
A luta é longa e árdua.  
Redobra as tuas forças  
Para melhor preencheres este vazio  
E levar avante esta Revolução.*

Maria Mwakala (1971)



# Emancipação da mulher é uma condição da revolução moçambicana

Quando o Comité Central da Frente de Libertação de Moçambique decidiu, dois anos após o início da Luta Armada de Libertação Nacional, que a emancipação da mulher moçambicana era parte integrante da Revolução, foi criado, na sequência da decisão, o Destacamento Feminino, a 4 de Março de 1967, que integrou o primeiro grupo de mulheres oriundas de diversas províncias do País. A partir daí, a mulher, organizada no Destacamento Feminino, começou a participar directamente na Luta Armada e nos restantes aspectos da Revolução Democrática Popular.

A mulher moçambicana realizou diversas actividades durante a Luta Armada, nomeadamente a educação das crianças, a produção de alimentação para os combatentes, entre outras tarefas. Cinco anos após a criação do Destacamento Feminino, o Comité Central reuniu-se e decidiu criar a Organização da Mulher, como braço da FRELIMO, estrutura de enquadramento e orientação da mulher moçambicana em geral, na batalha pela sua emancipação e pela Revolução.

Um ano depois da fundação da OMM, realizou-se a 1.ª Conferência da Organização da Mulher Moçambicana, em Tunduru, na Tanzânia, o que aconteceu pela primeira vez na nossa História. Foi esta Conferência que se debruçou sobre a condição da mulher, a luta pela sua emancipação e os mecanismos de engajá-la no combate e no processo libertador.

Proclamada a Independência Nacional, é definido na Constituição da República Popular de Moçambique que a emancipação da mulher é uma das tarefas essenciais do Estado.

No jovem País, mulher e ho-

mem gozam dos mesmos direitos e deveres. Esta igualdade estende-se aos campos: político, económico, social e cultural. A mulher prossegue e intensifica o seu trabalho com vista à sua emancipação, através do enquadramento activo e consciente nas múltiplas tarefas da Revolução. É a mulher que cria cooperativas de produção nas zonas verdes da cidade de Maputo e em diversas zonas do País, engaja-se activamente nas tarefas de autodefesa nas aldeias comunais, nos locais de trabalho e de residência, na luta contra os bandidos armados e não armados.

A mulher inicia campanhas de conservação, melhoramento e embelezamento de casas de habitação, serviços do Estado, estabelecimentos de ensino, comerciais e industriais e vias públicas. Apoia os hospitais e centros de saúde, as creches e outros centros sociais.

A OMM, orientada pelo Partido Frelimo, avança decisivamente com os seus objectivos. Assim, realiza, em Novembro de 1976, a II Conferência Nacional, a primeira no território inteiramente libertado, na RPM. Participam nesta Conferência, mulheres de todas as camadas sociais, trabalhadoras vindas de todas as províncias do País. Foi esta Conferência que analisou a nova realidade político-social e cultural da mulher moçambicana, o seu enquadramento na produção e na batalha da luta de classes e na construção do socialismo.

A OMM, como braço longo do Partido Frelimo, apoia o Estado no combate vigoroso ao analfabetismo. Promove cursos de alfabetização para quadros e membros da organização e mobiliza toda a mulher moçambicana para o seu enquadramento nas

campanhas de alfabetização.

Para fazer o balanço das actividades definidas durante a II Conferência, a OMM realizou a sua III Conferência Nacional, em Março de 1980.

Esta analisou e estudou os avanços da mulher na conquista dos direitos e igualdade definidos na Constituição da República.

Após esta Conferência, a mulher, enquadrada pela OMM, prosseguiu a realização das suas tarefas, definidas nesta fase, intensificando a criação de cooperativas de produção, continuando a participar activamente nas campanhas da limpeza e higiene nos bairros, nas campanhas de vacinações, na protecção materno-infantil, entre outras tarefas.

Foi realizada, a caminho dos dez anos da Independência, a Conferência Extraordinária da OMM, para os assuntos sociais, em Novembro de 1984, em que participaram delegadas nacionais, provenientes de todas as províncias do País. Esta Conferência debruçou-se no estudo dos problemas sociais do Povo Moçambicano em geral e da mulher em particular, os quais dificultam a plena emancipação da mulher. Esta Conferência traçou a estratégia para o seu combate.

## AVANÇOS SIGNIFICATIVOS NA VIDA DA MULHER

A Independência Nacional significou para a vida da mulher moçambicana, uma nova etapa, um virar de página, um atirar para o lixo de toda uma vida de humilhação, discriminação, opressão, obscurantismo, preconceitos e complexos de inferioridade. Com a Independência Nacional, a mulher, tal como o homem, engaja-se na criação das bases



materiais e ideológicas para a construção do socialismo. A mulher participa activamente na defesa da Pátria, exerce o poder, na Assembleia do Povo, decide sobre a vida política, económica e social do nosso País. É neste contexto que, quando se aproxima o 7 de Abril de cada ano, a mulher moçambicana recorda e evoca com respeito o papel daquela que foi, e sempre será, o símbolo da Mulher Moçambicana emancipada, a camarada, Josina Machel.

7 DE ABRIL DE 1986

O 7 de Abril de cada ano constitui um momento para a mulher moçambicana fazer uma análise e balanço daquilo que fez em prol da sua emancipação, da defesa da Pátria, no aumento da produção, na construção de uma sociedade nova e socialista, no orgulho da vitória na grande batalha contra a fome, e na luta contra os bandidos armados, lado a lado com o seu companheiro.

Surge igualmente a necessidade de analisar os retrocessos e a forma de os solucionar, para seguir o caminho certo até à realização plena dos seus objectivos.

Por isso, à semelhança dos outros anos, de 4 a 11 de Abril deste ano, foi comemorada em todo o País a Semana da Mulher, incluindo o 7 de Abril «Dia da Mulher Moçambicana», que este ano coincidiu com a passagem do 15.º aniversário da morte da Heroína Josina Machel, bem como da passagem do 13.º aniversário da criação da OMM.

Milhares de mulheres estiveram envolvidas em actividades de natureza diversa, nomeadamente: jornadas de trabalho voluntário, em várias escolas, uni-

dades militares, bairros e empresas; abertura de machambas, encontros entre os membros da OMM e a mulher operária; visitas a locais de interesse histórico, político, cultural e social. Na cidade de Maputo, para além, de jornadas de limpeza e outras actividades, milhares de cidadãos, entre os quais cidadãos estrangeiros, assistiram a dois espectáculos integrados no 2.º Concerto 7 de Abril, realizado no Pavilhão do Estrela Vermelha, onde a música ao vivo, prendeu a atenção de todos. No Cinema dos Continuadores, realizou-se também um concerto dedicado à Mulher Moçambicana.

#### HOMENAGEM AOS HERÓIS MOÇAMBICANOS

Na manhã do dia 7 de Abril, o camarada Presidente do Partido Frelimo e da RPM, Samora Machel, acompanhado de membros do Bureau Político, depôs uma coroa de flores no Monumento aos Heróis Moçambicanos, tendo em seguida, a Secretária da OMM a nível da cidade do Maputo Cristina Tembe, deposto uma coroa de flores, em nome das mulheres da cidade.

Depois da cerimónia da deposição de flores, na Praça dos Heróis Moçambicanos, realizou-se, a partir daí, uma marcha da Paz que envolveu milhares de mulheres da cidade de Maputo, tendo terminado na Praça da OMM, onde teve lugar o comício alusivo ao Dia da Mulher Moçambicana. A mulher, quer na marcha, quer no comício, fez-se representar com a sua força de sempre, cantando e dançando, o que constitui uma característica nossa, em actividades do género.

D. M.

MULHER  
MOÇAMBICANA,  
VAMOS  
AGUDIZAR  
A VIGILÂNCIA.  
PARTICIPEMOS  
COM MAIOR  
DINAMISMO  
NA  
LUTA CONTRA  
OS BANDIDOS  
ARMADOS  
E NÃO  
ARMADOS





Josina Machel a frente dum grupo do Destacamento Feminino e na longa marcha em missão combativa







Hoje tal como ontem a mulher engaja-se na defesa da Pátria





# Debate “a Mulher e a L

«A Mulher e a Reconstrução Nacional em Moçambique» foi tema vivamente discutido, em Maputo, durante o seminário realizado de 17 a 22

entre dirigentes da Organização da Mulher Moçambique aos diversos níveis; peritos de justiça, da saúde, da Secretário de Estado do trabalho,



A imagem ilustra momentos importantes de troca de impressões em plenário

de Março do corrente ano, que teve lugar no campo Universitário, organizado pela Universidade Eduardo Mondlane, sob os auspícios da UNESCO. — Divisão dos Direitos Humanos e Paz, — com a participação directa, do Departamento de Arqueologia e Antropologia e do Centro de Estudos Africanos. Uma particularidade importante neste seminário foi que, maioritariamente, não só estiveram presentes, mas também discutiram e falaram vivamente do seu trabalho e dos seus problemas quotidianos, representantes de cerca de 10 000 cooperativistas da Cidade de Maputo; juízes eleitos.

da UNESCO e vários convidados nacionais e estrangeiros, a representarem os diversos organismos como: o Ministério da Informação, Organização dos Trabalhadores Moçambicanos, NORAD, ASDI e Fundação Friedrich Ebert.

Este seminário insere-se no quadro das actividades da UNESCO, relativas à situação da mulher na Luta de Libertação e na Reconstrução Nacional, tendo sido publicada já, uma obra intitulada «A situação», de A. K. Weinrich, UNESCO, Paris, 1981, entre outros trabalhos.

Realizou-se igualmente uma reunião regional



# Reconstrução Nacional”

de peritos sobre a história da contribuição da mulher nas lutas de libertação nacional e o seu papel e necessidades na reconstrução dos países recém-independentes de África, na Guiné-Bissau, e Zimbábwe, subordinados ao tema «A problemática social das mulheres na reconstrução nacional» e «A mulher na construção e reconstrução nacional do Zimbábwe», respectivamente.

Os diversos seminários nacionais beneficiaram duma contribuição voluntária do Governo da Noruega.

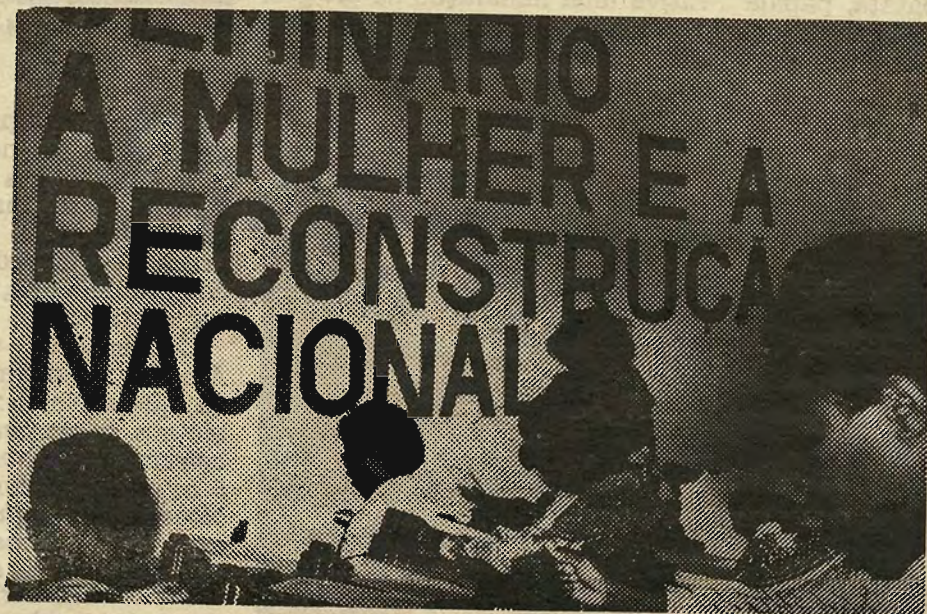
O encontro sobre «A mulher e a Reconstrução Nacional em Moçambique» teve como ponto de partida as investigações levadas a cabo aquando da preparação da Conferência Extraordinária da Organização da Mulher Moçambicana, bem como a estratégia traçada para o combate aos problemas identificados.

A Conferência Extraordinária da OMM, realizada em Novembro de 1984, em Maputo, investigou, pela primeira vez no nosso País, os problemas sociais enfrentados pela mulher, ou seja, realizou um primeiro estudo sobre a situação social da mulher em Moçambique. Este estudo foi reali-

mulher camponesa, cooperativista, operária, doméstica e funcionária.

A Conferência apresentou, igualmente, perspectivas de trabalho para a mulher nas várias áreas de actividade: agricultura, educação, saúde, justiça, assim como propostas de solução para alguns problemas sociais que mais oprimem a mulher, nomeadamente: relações na família, ritos de iniciação, casamentos tradicionais, poligamia, casamentos forçados e prematuros, cerimónias de viuvez e casamentos herdados, amantismo e adultério, divórcio, separação e abandono do lar, prostituição, a situação das mães solteiras. Foram feitas recomendações sobre a educação e formação da mulher e da juventude.

No entanto, o seminário incidiu a sua discussão em duas áreas — a participação da mulher nas cooperativas das zonas verdes, na cintura da cidade de Maputo e a participação da mulher na Administração da Justiça. Foram igualmente prestadas informações, no decurso do seminário, sobre o programa de Saúde Materno-Infantil e o seu impacto na luta da mulher pela sua libertação e sobre a Alfabetização e Educação da Mulher. Fez-se também, uma reflexão sobre a metodologia de in-



Um aspecto geral do seminário

zado em todo o país, desde a localidade, aldeia comunal, empresa estatal, cooperativa, até à província, procurando abarcar mulheres de diferentes origens, posições sócio-económicas, como sejam a

investigação na análise do problema feminino, com base em trabalhos já realizados em Moçambique e em África.

C. V.



# Cooperativa "16 de Junho" um exemplo na produção

Por Cecília Vilanculos (texto e fotos)

A Cooperativa Agro-Pecuária «16 de Junho» situada no Bairro T3, no Distrito Urbano n.º 6, na Cidade de Maputo, teve o rendimento de 34 200,550 kgs de hortícolas, cereais e fruta e 786,500 kgs de carne, durante a primeira época agrícola do presente ano. Informação colhida pela nossa Reportagem. Os participantes ao Seminário «A Mulher e a Reconstrução Nacional em Moçambique» visitaram aquele centro de produção para complementarem o estudo que estava a ser feito sobre a problemática da mulher.

A Cooperativa «16 de Junho» tem uma área de 5 hectares e é composta por 43 membros dos quais três, são homens. Produz arroz, mandioca, couve, alface, cenoura, abóbora, batata, papaia e banana. Cria animais de pequena espécie, nomeadamente: porcos, patos e galinhas.

Para que as mães trabalhem sem grandes preocupações, os cooperativistas organizaram uma creche que agrega 101 crianças.

Foi construída naquela cooperativa uma instalação de bio-gás, a primeira experiência no nosso País, com a capacidade de produzir 8 m<sup>3</sup> de gás na proporção de



Na imagem: Margarida Alberto

300 litros de água e 100 kgs de detritos de animais. No presente momento, o gás é utilizado, essencialmente, na confecção de alimentos para as crianças da creche, o que reduz os gastos na compra de lenha, além de aumentar a eficiência.

Conversámos com Margarida Alberto, Presidenta da Cooperativa, que afirmou: «Nós encontramos-nos organizadas neste molde colectivo de trabalho há mais de 5 anos e estamos divididas em 5 blocos de trabalho. Para além da agricultura, temos aulas de alfabetização do 1.º ao 3.º nível».

Para conhecermos as perspectivas de produção contactámos Isilda Luís, responsável do Sector de Produção, que nos disse: «Tivemos uma boa época, embora lamentemos o problema de água,



Um aspecto da visita na zona onde se cria animais de pequena espécie

Continua na página 13



# Mulher Moçambicana Espelho da Sociedade!

OPINIÃO

É importante conhecer a opinião do maior número possível de trabalhadores sobre «O papel da Mulher Moçambicana na Sociedade». Este o tema deste «Opinião».

Encontrámo-nos com Carlos Cardoso, Director da Agência de Informação de Moçambique, que, além de jornalista é escritor-poeta.

Sempre sorridente, Carlos Cardoso diz-nos que «cabe à mulher falar sobre esse seu papel, mas cabe também à Sociedade participar nessa tarefa». Mas acrescenta com total convicção: «Para mim, a Mulher Moçambicana é o factor mais revolucionário desta Sociedade. A Mulher tem muito mais a ganhar do que a perder, que o homem. E vê-se o que é a OMM com todas as suas deficiências, as suas dificuldades, os seus burocratismozinhos - esta é a organização que defende comida com armas na mão, por exemplo em Inhambane; defende armazéns; defende-nos desses outros que utilizando «o ser estrutura» quer regalias sociais e outras... É a Organização da Mulher Moçambicana que faz isto! São as mulheres que à volta da cidade de Maputo, por exemplo, come-

çam a dar uma perspectiva de alimentação a esta cidade ... Portanto, agora o papel da mulher já está, na prática. Ela, esta mulher analfabeta, de pé descalço, está a assumir um papel político do século vinte e um! Ela já não está no nosso século! Ela distanciou-se! Isto que já hoje faz, há vinte anos, era absolutamente sonho, utopia».

Sem interrompermos, Carlos Cardoso continua a dar-nos conta da sua opinião, com um entusiasmo contagiante: «Mas houve pessoas que viram que isto não era utopia. Não só era bom, correcto, como para avançar o processo, era necessário. É a partir da necessidade que surge a Mulher em Transformação, e há uma mistura de substratos de classe, daquilo que se chama Mulher Moçambicana. E elas vão entrar em contradições entre elas, cada vez mais, desde que não haja uma dicotomia Mulher-Homem. A dicotomia deve ser sempre: miséria — bem-estar, atraso-progresso, liberdade — opressão. Acho fundamental que o homem discuta o papel da mulher. E, nas sociedades anteriores era o homem que definia esse papel da mulher. Mas começou tudo a desmo-

ronar-se, ou seja, um novo mundo começou a nascer quando a mulher começou a discutir também o papel do homem! Ou seja o papel dela, na transformação da sociedade».

As ideias em Carlos Cardoso são claras, fluentes... Nota-se que tem muito mais para dizer, mas conclui: «As mulheres com a sua luta estão a descobrir novas formas de expressão e novos palcos onde agir, onde ser actrizes, que não conheciam há dois ou três anos. A mulher, pelo seu trabalho está a descobrir novas algemas. Por exemplo, uma mulher pobre que acabou de aprender a ler e a escrever, se é hoje contabilista, trata da Economia — ela está a entrar no «Mundo Proibido». Ela, a Mulher Moçambicana, está a «empurrar» a sociedade para uma nova etapa em que haja mais lucidez, amizade, fraternidade e abertura, porque tudo se tem de associar a tudo. A Mulher Moçambicana tem de ser o espelho para toda a gente!»

Aqui fica, estimadas leitoras, a opinião de um jornalista, escritor-poeta nosso compatriota — Carlos Cardoso!

I. S.

## COOPERATIVA "16 DE JUNHO"

Continuação da página 12

que alaga uma parte da nossa machamba. O Vale do Infulene tem sido importante para a rega, simplesmente, neste momento, a água é demais. Tem sido um problema porque não possuímos meios técnicos para a podermos dominar. Por exemplo, duvido que possamos colher o arroz que semeámos porque se encontra no meio da água».

Isilda Luís, na sua intervenção, acrescentou com firmeza que apesar de tudo, a produção da presente campanha seria a melhor.



Os participantes ao Seminário percorrendo o terreno da cooperativa



# Razão de ser do papel da família na sociedade

É do nosso inteiro agrado que nos propomos a abrir esta rubrica cujo designio é o de contribuir para a formação e informação de mulher no processo da transformação social ao nível das leis já que para ela apenas lhe era relegado o papel de procriação e fonte valiosa de produção e reprodução de mercadoria.

Com isso queremos dizer que só a revolução nos permitiu e permite transformar completamente o tipo de comportamento e mentalidade já definida ao longo de tradições e com a imposição do colonialismo para agravar. Aliás é objectivo da OMM, organização democrática de massas, transformar também, por um lado, as próprias mulher que concebem a si próprias como um ser inferior e com inteligência curta, e por outro lado, o de acabar com o complexo de superioridade dos homens que se consideram seres absolutamente dotados de inteligência e capazes de definir e decidir o que as mulheres devem fazer e como devem fazer.

Mencionamos a OMM por serem elas, as mulheres, as mais indicadas, mais do que ninguém, que sentiram na pele o fardo doloroso e árduo do vexame, do sofrimento, dos maus-tratos, das agressões físicas e morais.

Se por um lado, o peso das tradições respeitantes à prática discriminatória da mulher é grande, pois, nas sociedades tradicionais, à mulher não era permitido expor os seus próprios problemas como ela os sentisse e encarasse, as suas questões eram colocadas para resolução por um membro masculino mais velho da sua linhagem. Por outro lado, a presença colonial aprofundou e agravou a condição da mulher, impondo-lhe os trabalhos forçados mesmo que ela estivesse em estado de gravidez: trabalho nas machambas e herdades dos grandes patrões desde o nascer até ao por do Sol, vigiada por um capataz, e as violações sexuais quando e onde os

tais patrões desejassem mesmo até na presença de membros da sua comunidade.

Hoje, com a derrota total do colonialismo e a fuga em debandada dos colonos que governavam o país como se a terra fosse sua, a mulher já vai aos tribunais. A mulher já diz que «eu não posso aguentar mais insultos e pancadas na presença dos meus filhos, todos os dias». Ela já vai aos tribunais declarar que alguém a roubou e pedindo que seja castigado pela lei.

E, muitas vezes, quem resolve esses problemas nos tribunais, são as mulheres juizes, mulheres com autoridade para solucionar o seu caso. Quando, antigamente, na legislação colonial era expressamente interdito que uma mulher, fosse juiz mesmo que ela estudasse direito e se formasse. A tarefa de julgar era só para os homens. Também não iremos dizer que na sociedade tradicional eram as mulheres que decidiam os assuntos de comunidade. Assim, a legislação colonial, ia até mais longe, escrevendo nos seus códigos que uma mulher não podia ser juiz, ou magistrado. Esta legislação patenteava, sem sombra de dúvidas, que a mulher não podia ter inteligência suficiente para solucionar casos das pessoas, quer dos homens, quer das próprias mulheres; revelando assim que a mulher era um ser sem raciocínio, sem vontade, sem iniciativa, devendo sempre ter como suporte físico, moral e psicológico, o homem.

Actualmente estamos empenhados em alterar esta dominação e subjugação a que as mulheres estão sujeitas, para se tornarem dignas pensantes e decididas na verdadeira acepção da palavra. Por isso, urge melhorar a educação nas escolas, nos lares, nos locais de trabalho para lutarmos tenazmente contra as barreiras que tanto dificultam a emancipação da mulher e o pleno desenvolvimento da sociedade.

É no lar onde deve começar o diálogo, o amor, o respeito pela dignidade dos seus membros, a partilha de decisões, pois é a partir da família que se formam as futuras mães, pais, educadores de infância, quadros dirigentes, partelras, enfermeiras, médicos,

e outros. Se este dirigente, esta mãe, esta enfermeira não recebeu uma formação sã, fundada no respeito por outrem, na honestidade, no espírito de inter-ajuda, no carinho, nas boas maneiras, no bom comportamento com o próximo e na justiça, dificilmente

este elemento, este educador de infância, esta mãe poderá vir a desempenhar correctamente a sua tarefa, por mais instruída que seja. Isto para dizer que a família, o lar, é o embrião da criação e formação do Homem. É por isso que o Estado garante e protege



a Família, o Lar, para que ela possa desenvolver-se e corresponder às solicitações que lhe são impostas pela sociedade em que vivemos. Esta afirmação é consagrada no artigo 29.º (parte final) da Constituição da República Popular de Moçambique.

Por isso é muitíssimo importante o papel da mulher na sociedade, isto é, no seu local de trabalho e, fundamentalmente, no seio da família, porque é ela quem gera um ser que faz parte do seu lar. É ela que, pelas suas características psicológicas, deve demonstrar sempre no seio da família o carinho, o amor, a limpeza, coragem, dinamismo, as regras de boa educação, o acompanhamento do filho nas lições diárias; o ensinamento de como andar pelas ruas evitando acidentes, como atravessar uma rua correctamente,

ensinando aos filhos a limpeza e higiene pessoal.

Por outro lado, pensamos que cabe à mulher no seio da família a educação do homem para a sua transformação de forma a ganhar novos valores; a formação do Homem Novo.

A família deve ser respeitada. É a família quem reproduz o padrão dos valores morais da sociedade. Assim, se uma sociedade possui valores sociais onde o egoísmo, a mentira, a intriga, a inveja, o crime, a sujidade, o culto, a preguiça são os valores morais dessa sociedade, então grande parte dos membros que compõem a sociedade assumirão estes valores negativos. São estes valores que irão ser defendidos de uma maneira disfarçada, é claro, porque nenhum estado pode declarar que «os nossos valores morais são o roubo, a hipocrisia, entre outros».

Com isto queremos dizer que iremos todas lutar por uma sociedade melhor, onde o trabalho a desenvolver é grande, as responsabilidades são grandes as dificuldades e inexperiências são muitas; pois foi-nos deixada uma sociedade destruída e apodrecida e, conseqüentemente, as nossas mentalidades também estão imbuídas de valores que não são correctos.

Para terminar, gostaríamos de dizer que esta rubrica vai prestar também esclarecimentos sobre assuntos de ordem jurídica, esclarecimentos de como encaminhar, para onde, os nossos problemas de difícil solução. Para tal, é necessário que escreva, cara leitora, colocando as suas preocupações. Nós estamos sempre prontos para a ajudar. Escreva para o «Correio Jurídico»...

A. M.

## Conversa amiga

É uma nova rubrica que pretende criar diálogo, amizade, convívio e troca de experiências, com todas as nossas leitoras.

Escrevam, perguntem e apontem defeitos e virtudes deste nosso órgão de comunicação. Enviem os vossos contos, versos, ideias úteis, etc., para: CONVERSA AMIGA — Caixa Postal, 4015 — Maputo.

Esta é a nossa/vossa «CONVERSA AMIGA»!

### DUAS CARTAS:

Maputo, 28 - 03 - 86

Queridas Camaradas,

Orgulhosamente vos abraço e felicito por mais este passo necessário e difícil que foi o lançamento dum periódico da nossa Organização, a OMM!

Como membro, como mãe e como cidadã nacional, digo-vos que este órgão escrito necessita ser bem divulgado por todos nós, e, particularmente, ele deve ser feito com a perspectiva de ser instrumento de luta contra o atraso e desmobilização que grassa no nosso seio.

Estou certa de que este nosso Boletim será esse instrumento que nos facilitará o enquadramento nas tarefas da Organização, e nos estimulará e ensinará a lutar melhor contra as enormes dificuldades da nossa Pátria, nesta hora de chamamento geral para a defesa e segurança do nosso povo, contra a guerra imposta pelo Imperialismo Internacional.

Estou presente!  
Saudações da:

Uma leitora

Camarada,

Pelos órgãos de informação tomámos conhecimento da publicação de uma revista trimestral denominada «MULHER MOÇAMBICANA». Queríamos, antes de mais, apresentar as nossas felicitações!

Queríamos, pois pedir a gentileza de dar instruções para nos enviarem o número agora publicado, bem como os que forem publicados posteriormente.

Maria I. N. da Costa  
(Directora do Arquivo Histórico de Moçambique)



# Um povo em luta



A Secretária-Geral da UNFS acompanhada pela Secretária-Geral da OMM sauda participantes à reunião na Sede do Comité da Cidade de Maputo

O Sahara Ocidental ocupa uma superfície de 286 000 km<sup>2</sup> e fica situado no nordeste da África. A ocidente é limitado pelo Oceano Atlântico e pelas Ilhas Canárias, a norte pelo Marrocos e a nordeste pela Argélia e a leste e sul pela Mauritânia. O seu território está dividido em duas grandes regiões: Saguia-el-Hamra, a norte, e Rio do Ouro, a sul. As condições desérticas afectam a maior parte do país. Povoado tradicionalmente por pastores nómadas, tem nas suas costas uma das maiores reservas pesqueiras do mundo. As enormes jazidas de fosfatos são a principal riqueza mineral.

A República Árabe Saharaui Democrática, com a capital em El Aiun, proclamou a sua Independência Nacional em 27 de Fevereiro de 1976.

Com a fusão dos Partidos: Frente Popular de Libertação de Saguia e Rio do Ouro nasceu (Frente POLISÁRIO), fundada em 10 de Maio de 1973 por El Uali Mustafá Seyi, morto em combate em 1976.

A Frente Polisário dirigiu o Exército de Libertação Popular Saharaui (ELPS) na Luta Armada contra o colonialismo espanhol de 1973-1976, momento em que se retiraram as tropas espanholas. Entretanto, logo a seguir, houve uma invasão mauritano-marroquina, interessada nas riquezas do Sahara, porque já na altura se tinham descoberto os

enormes jazigos de fosfatos de Bu-Craa e suspeitava-se da existência de ferro, petróleo, gás natural e urânio, o que, com a riqueza pesqueira das costas, dava um novo interesse económico ao território.

A guerra não cessou desde então e os eficazes ataques do Exército de Libertação Saharaui paralisaram a produção de fosfato, levando a guerra ao interior do Marrocos e da Mauritânia.

A Mauritânia sentiu-se à beira da falência e decidiu pôr fim à guerra fratricida em Junho de 1978. Em 5 de Agosto de 1979, firma um acordo de paz com a Frente POLISÁRIO e retira-se do Sahara Ocidental.

Marrocos, por sua vez, passou a ocupar de imediato, a porta sul do Sahara que era controlada pela Mauritânia, e prosseguiu na guerra com o renovado apoio da França e dos Estados Unidos.

Em Outubro de 1979, a Frente POLISÁRIO anunciou a tomada da importante cidade de Mahbés e passou a desenvolver, também, uma guerra de intensos combates. Por outro lado, no campo diplomático teve grandes êxitos, muitos países começaram a reconhecer a RASD que hoje o é oficialmente, por 63 países.

A décima nona cimeira da Organização de

Continua na página 17



# Delegação da UNFS visita o nosso País

A convite da Organização da Mulher Moçambicana esteve no nosso País, de 24 a 29 de Março passado, uma delegação da União das Mulheres de Sahara (UNFS), chefiada pela camarada Guesmula Mohamed, sua Secretária-Geral e membro do Bureau Político da Frente POLISARIO.

Em Moçambique a delegação das mulheres saharauis visitou centros de produção da OMM, locais históricos e centros turísticos na nossa bela capital. Teve, também, encontros com a Direcção da OMM, veteranas da Luta Armada de Libertação Nacional, quadros e secretariados de base da OMM na cidade de Maputo.

No encontro entre combatentes, a camarada Coronel Marina Pachinuapa falou das actividades da mulher no período da Luta Armada de Libertação Nacional e da participação activa da mulher na guerra como combatente. Estiveram igualmente presentes as camaradas Coronéis Teresa Amuli e Mónica Chitupila, ambas veteranas da Luta Armada de Libertação Nacional. Por seu turno, a camarada Guesmula Mohamed historiou a luta que a República Árabe Saharaui Democrática (RASD) leva a cabo no combate sem tréguas contra o expansionismo marroquino e do papel fundamental que a mulher saharai desempe-

na quer como combatente, quer na educação, na saúde entre outras actividades. No fim, foi exibido um filme de video-cassete sobre a participação da mulher saharai na luta nacional.

Ainda durante a sua estadia, a delegação das mulheres saharauis teve a honra de ser recebida, em audiência, pelo camarada Presidente Samora Machel, no seu gabinete de trabalho.

Tiveram também um encontro com a camarada Graça Machel, Ministro da Educação.

Momentos antes de partir, a

delegação da União Nacional das Mulheres de Sahara e a Organização da Mulher Moçambicana forneceram à Informação moçambicana um comunicado conjunto em que condenam o expansionismo marroquino e apelam para o aplicação da Resolução 40/50 da Assembleia Geral da ONU.

A Secretária-Geral da UNFS afirmou: «Sentimo-nos honradas por ter visitado o vosso País, e durante os dias que aqui passámos colhemos ricas experiências e vamos com muita vontade de servir o Povo».



A camarada Guesmula Mohamed falando da luta do seu país, no encontro entre combatentes

## Um povo em luta

(Continuação da página 16)

Unidade Africana (OUA) recomendou o início de negociações entre Marrocos e a POLISARIO, com vista a um cessar-fogo e a um referendo sobre a autodeterminação do Sahara Ocidental.

A República Árabe Saharaui Democrática continua a ser palco de violentos combates entre unidades do Exército de Libertação Popular Saharaui e as forças marroquinas.

A Organização das Nações Unidas (ONU) iniciou conversações «indirectas» entre Marrocos e a República Árabe Saharaui Democrática (RASD).

A posição da ONU no conflito tem-se remetido

para a aplicação da Resolução 40/50 da Assembleia Geral da ONU, que está a favor de negociações directas entre as duas partes interessadas.

A primeira série de contactos com os representantes de Marrocos e da Frente POLISARIO, no quadro da Resolução 40/50 da Assembleia Geral da ONU foi realizada em Nova Iorque no mês de Abril do presente ano, em que estiveram: o Secretário-Geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, e o Ministro das Forças Armadas da República do Senegal, em representação do Presidente em exercício da ONU, Ahmadou Diouf.

C. V.



# Saúde Materno-Infantil

A nossa página Saúde Materno Infantil pretende divulgar alguns conselhos, médicos ou de pessoas idónias, importantes para defesa da saúde da mulher e da criança.

Nesta primeira rubrica apresentamos o calendário das vacinações pela importância que tem para a vida do recém-nascido e particularmente num país como o nosso, em vias de desenvolvimento, em que todos os cuidados primários contribuem para a redução do índice da mortalidade infantil.

Mulher moçambicana leva o teu filho a vacina, contribuindo para que a meta de 90% seja cumprida e ultrapassada na cidade de Maputo, em particular.

## 1 SEMANA



**VACINAS:** C. G. contra tuberculose

**ALIMENTAÇÃO:** leite materno

**DESENVOLVIMENTO:** dorme 20 horas por dia

## 2 MESES



**VACINAS:** PÓLIO 1.ª dose contra poliomielite (paralisia infantil) TRIPLA 1.ª dose contra

tosse convulsa, difteria, tétano

**ALIMENTAÇÃO:** leite materno

**DESENVOLVIMENTO:** sorri

## 4 MESES



**VACINAS:** PÓLIO E TRIPLA 2.ª dose

**ALIMENTAÇÃO:** leite materno mais uma papinha

**DESENVOLVIMENTO:** dos 3 aos 4 meses segura a cabeça

## 6 MESES



**VACINAS:** PÓLIO E TRIPLA 3.ª dose

**ALIMENTAÇÃO:** leite materno duas papinhas e fruta

**DESENVOLVIMENTO:** já se senta

## 9 MESES



**VACINAS:** SARAMPO contra sarampo

**ALIMENTAÇÃO:** leite materno, papas, sopas, fruta.

**DESENVOLVIMENTO:** gatinha e diz as primeiras palavras

## 12 MESES

já tem todas as vacinas



**ALIMENTAÇÃO:** leite materno e tudo o que os pais comem

**DESENVOLVIMENTO:** dá os primeiros passos e identifica palavras



# Mulher "busca" saúde na ginástica de manutenção

Melhorar a forma física da mulher bem como mantê-la sempre em actividade, são alguns dos objectivos preconizados na ginástica de manutenção, que centenas de mulheres praticam em diversas agremiações desportivas e estabelecimentos de ensino da capital do País. Num dos centros, que funciona no salão da Escola Comercial e por nós visitado, pudemos verificar «in loco» o empenho da mulher no desenvolvimento desta actividade física, sem olhar para a sua idade, pois ali encontram-se jovens, adultas e mesmo idosas.

As aulas de ginástica de manutenção no centro da Escola Comercial são ministradas por Madalena Tajú, coadjuvada por Margarida Abrantes, ambas professoras de educação física. Duas vezes por semana — às terças e quintas-feiras — elas têm à sua frente um grupo de cerca de 60 mulheres que para ali se dirigem a fim de «buscar» saúde e melhorar a sua forma física.

*Esta ginástica, conforme o próprio nome muito bem o indica, pretende fazer a manutenção da mulher e mantê-la em actividade, com vista ao melhoramento da sua forma física. Durante cerca de uma hora, que dura cada aula, faz-se educação física geral e exercícios localizados e, até aqui, o trabalho tem sido um êxito. pois a participação das senhoras é positiva. Aliás, isto não é de espantar, uma vez que já puderam aperceber-se de quanto é valioso (e vantajoso) praticar ginástica. Há senhoras obesas que estão a diminuir de peso e já não é com facilidade que se cansam, tanto física como mentalmente — explicou Margarida Abrantes, quando a interpelámos.*

Durante a nossa estada naquele centro, onde assistimos a uma das aulas, verificámos que elas decorrem ao som da música, facto este que Margarida Abrantes esclareceu como sendo importante, porquanto auxilia a concentração das ginastas aos exercí-

cios. Mas será música qualquer? Ela diz que não. Trata-se de música seleccionada pelas monitoras, mas tem que ser vibrante, isto para despertar a atenção das pessoas a quem é dirigida.

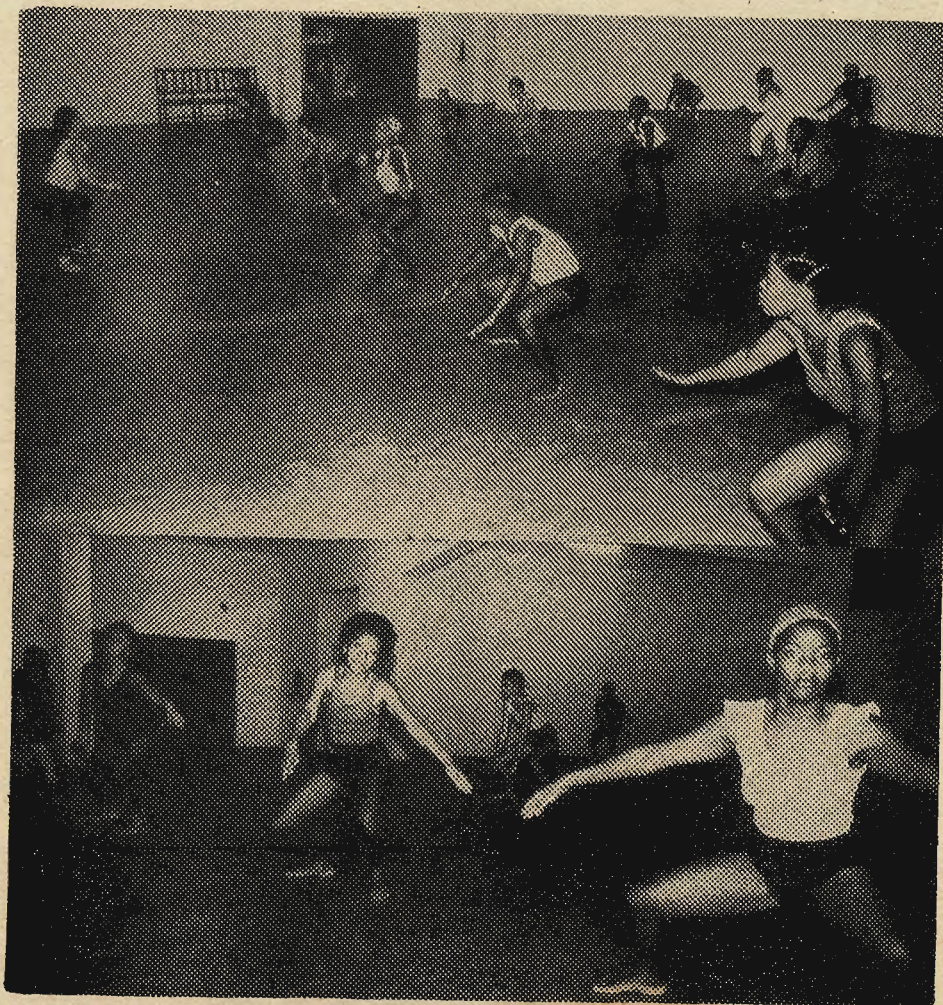
Por seu turno, Madalena Tajú disse que aquele centro pertencia ao Ministério da Educação e ao Clube de Desportos da Costa do Sol, mas de todas as maneiras está aberto a quem dele necessitar, a partir dos 16-17 anos, uma vez que este tipo de ginástica não é motivante para as crianças. A participação nas aulas é paga mensalmente, com uma quotização de 200,00 meticais.

— O dinheiro das quotizações é utilizado para a compra de

*algum material necessário para as aulas, como são os casos de cordas, tapetes, etc. — referiu Madalena Tajú, tendo a finalizar apelado para que mais mulheres se entreguem à prática da ginástica de manutenção, fonte de boa saúde.*

— *Entretanto, é importante observar que não basta o esforço das pessoas. É necessário que haja um enquadramento e esse poderá vir mesmo por parte da OMM, que joga aqui um papel importante, pois esta ginástica pode também ser feita mesmo nos locais de trabalho e de residência, podendo assim abarcar mais gente — rematou.*

A. Z.



Uma fase das aulas de ginástica de manutenção para mulheres, que decorrem no salão da Escola Comercial.



# Maria Chipande

**Maria Chipande, combatente, mãe e esposa exemplar, mulher corajosa e dedicada à causa da Revolução, morreu vítima dum acidente de aviação ocorrido nas imediações de Pemba, a 30 de Março do ano corrente. A brutal tragédia certou a vida de dirigentes, de trabalhadores, de crianças, num total de 50 pessoas, entre os quais três cidadãos soviéticos que, na nossa Pátria, prestavam serviço na formação de quadros moçambicanos na área de Aeronáutica.**

Maria Chipande repousa no planalto de Mueda desde o passado dia 6 de Abril, dia em que precisamente completaria 25 anos de casada e pretendia celebrar as suas bodas de prata.

A camarada Maria Chipande nasceu na então aldeia Kunamunitope, hoje Imbulo, no planalto de Mueda, Província de Cabo Delgado, a 27 de Julho de 1945. Com

13 anos apenas, é nomeada professora para crianças na Escola Missionária de Imbulo onde acabava de concluir a 3.ª classe.

Em 1961 casa-se com o camarada Alberto Chipande, Ministro da Defesa, que naltura era, também, professor. Dois anos mais tarde, o seu marido segue para Tanganyika, hoje República Unida da Tanzânia, afim de se jun-

tar à FRELIMO. Mais tarde Maria Chipande vê-se obrigada a seguir o seu exemplo, pois a PIDE andava já perseguindo-a.

Foi em M'tuara, no Distrito de Massassi, que Maria Chipande se integra activamente nas tarefas da Revolução.

O Presidente Samora Machel durante a cerimónia fúnebre solene, decorrida na Sala Nobre do Conselho Executivo da Cidade do Maputo, enaltecendo as qualidades políticas e morais de Maria Chipande, durante a Luta de Libertação Nacional, afirmou:

*«Orgulhamo-nos da educadora que foste em Bagamoyo, do soldado que foste em Nachingwea, da companheira carinhosa que foste em Tunduru para com as viúvas e os órfãos dos combatentes, as mulheres dos prisioneiros, os mutilados de guerra».*

*«Quantas crianças órfãs de heróicos combatentes tu pegaste ao colo e sabias transformar o choro em sorriso de esperança? Nas crianças vias os futuros construtores da Pátria, os obreiros da sociedade socialista, o Homem Novo da nossa terra».*

Após a Independência Nacional, Maria Chipande fez o curso de analista de laboratório e, incansável, continuou nas árduas tarefas da reconstrução nacional, trabalhava durante o dia e estudava à noite, para concluir o ensino secundário.

A camarada Maria Chipande foi uma das fundadoras da Organização da Mulher Moçambicana em Março de 1972 e participou como delegada na I Conferência Nacional da OMM, assim como depois da independência nacional esteve na 2.ª e 3.ª Conferências Nacionais da OMM.

A modéstia e simpatia foram características singulares das belas qualidades que possuía a camarada Maria Chipande.

A arma que deixou, empunhá-la-emos, nós mulheres moçambicanas, no combate enérgico contra o banditismo armado no nosso país e o seu exemplo será a estrela que nos guiará.



C. V.